

## **CULTURA, MEMÓRIA E LOUÇAS: CAFÉ E CONSUMO EM MANAUS ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX**

Tammy Rosas Ramos<sup>1</sup>  
Tatiana de Lima Pedrosa Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Os ideais liberalistas tinham como uma das primeiras preocupações a inquietação com a prosperidade e com o progresso. Com a chegada das inovações tecnológicas do final do século XIX, assim como dos problemas que seu decorrer veio a apresentar, a manutenção da ordem e de uma vida sem os males sociais, bem como o status, apenas mostrou-se mais almejada pela sociedade durante esse período. Já no início do século XX, com uma cadeia de mudanças globais, veremos uma série de transformações que também tangenciarão os hábitos diários da população, típicos do fetichismo capitalista. A Manaus da virada do século XIX para o XX não fugirá a esta regra. A vontade de se tornar uma civilização como a parisiense contagiara os modos e os costumes dos que viviam esses “novos ares”, e isso há de ser materializado. Visamos com o artigo mostrar parte da imaterialização desses hábitos nas louças brancas. Pretende-se, por meio das louças brancas da Manaus da *Belle Époque*, apresentar as expressões de costume de época impressas nas mesmas e relacioná-las com o período histórico em que foram cingidas, tentando compreender como desempenhavam um papel importante na sociedade embasadas pelo significado simbólico, e qual seu papel no cotidiano do(a) manauara que passava por mudanças tão bruscas social e economicamente.

**Palavras-chave:** Louças Brancas; Belle Époque Manauara; Arqueologia Histórica; Fetiche capitalista; Consumo; Simbolismo.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA). Bacharela em Arqueologia pela UEA. Pesquisadora no grupo de pesquisa do CNPq – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica – NIPAAM, da Universidade do Estado do Amazonas. Pesquisadora no projeto pelo CNPq – Chamada Universal (Interdisciplinar) – triênio 2017-2019. Também pesquisadora em Arqueologia Histórica e Arqueologia Amazônica. Pesquisadora do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM). E-mail: tammy.rosas@outlook.com

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em História pela PUC-RS, com área de concentração em Arqueologia. Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UEA. Arqueóloga responsável pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM). Líder do grupo de pesquisa do CNPq – NIPAAM. Coordenadora dos projetos de pesquisa: Chamada Universal; Arqueologia, Patrimônio e Cultura: o lugar de nossas memórias. E-mail: tatixpedrosa@yahoo.com.br

## **UMA NOVA MANEIRA DE CONVIVER: FETICHE, CONSUMO E XÍCARAS**

Quando se fala de desenvolvimento cultural e mais propriamente no desempenhar histórico que o conduz, além do desenvolvimento econômico, precisa-se ser entendido que o sistema não é exato como no discurso. Os mecanismos de consumo quando materializados tomam finalidades e formas em detrimento das lógicas culturais que precisam passar por um processo de desconstrução para serem melhor compreendidos.

Existe uma luta constante relacionadas a questões políticas e sociais de como se interpretar o passado, luta essa de arqueólogos, historiadores, antropólogos e áreas que conversam com essas. A problemática se torna ainda mais complexa e importante quando entra nesse cenário a questão econômica.

É o caso deste trabalho, que toma como ponto de partida a necessidade de entender a presença de um número tão grande de louças brancas em sítios históricos específicos e que estão salvaguardadas no Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza. São mais de mil fragmentos resgatados e mais de novecentos analisados e marcados, sendo estes de diferentes lugares, fábricas e técnicas de produção. Olhando além do uso funcional dessas louças, é possível entrever seu uso simbólico, que por sua vez nos leva a questionar sobre o modo de vida e principalmente sobre a convivialidade entre diferentes classes sociais na Manaus Antiga, na virada do século XIX para o XX, período histórico convencionalmente chamado Belle Époque, quando a cidade passa por períodos econômica e socialmente distintos.

As louças brancas fazem parte de um contexto de sítios histórico-arqueológicos (Sítio Catedral, Sítio Glacial, Sítio Coronel Salgado, entre outros) da cidade de Manaus que vêm sendo paulatinamente estudados e analisados pelo grupo NIPAAM (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica), no Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM).

A priori, se mensura a possibilidade de que as louças brancas da Belle Époque nos permita fazer um levantamento histórico e social a fim de resgatar os costumes e o modo de vida da população do período que foram de certa forma transpostos na cultura material aqui estudada, o que nos faz entrever uma sociedade cujo espírito comercial estará voltado a estilo inglês, mas que o “modus vivendi” será pautado em hábitos tipicamente franceses.

A ideia de *civilité* francesa está ligada a costumes, hábitos e exibição tanto material quanto ideológica (ELIAS, 1979) e com a reformulação da cidade de Manaus (MESQUITA, 2015), e a imensa chegada de estrangeiros de grande parte da Europa, Manaus se viu obrigada a acompanhar a civilização europeia para se encaixar em moldes que não eram seus. Uma prova dessas mudanças bruscas é o código de posturas municipal implementado no final do século XIX, disponível na hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Por outro lado, esse estado civilizado dá início a uma cultura (ELIAS, 1979) manauara proveniente da soma do comércio e economia do látex, da imigração europeia e da reformulação da cidade. O estilo inglês vem impresso nas marcas de louças resgatadas nos sítios arqueológicos históricos de Manaus, como a *Johnson Bros*, que durante centro e trinta e cinco anos pintou em suas louças paisagens do cotidiano europeu (ZARUCCHI, 2004).



Foto 1: Fragmento de louça branca da marca britânica Johnson Bros. Autor: Rosas, Tammy, 2018.

É preciso entender que encaramos as louças brancas deste período como um agente propulsor de parte das transformações tecnológicas ocorridas durante esse período de transição marcadamente efervescente.

O conjunto de pratos, xicaras, pires que se encontra depositado na reserva técnica do Laboratório Alfredo Mendonça aponta para uma perspectiva de se compreender uma lógica cultural necessária na compreensão dos conflitos econômicos dos chamados fetiches de consumo característicos do capitalismo.

Como compreender a lógica massiva da quantidade de louças históricas? Em que se questiona a dominância do objeto sobre o indivíduo de época? Em que nos questionamos que este mesmo indivíduo era criador e produtor, mas num dado momento se tornava apenas detentor de um objeto que era parâmetro para um status social, símbolo ou representação/característica de um indivíduo que vinha de “boa família”, e que, portanto, tinha dinheiro e podia frequentar os melhores lugares de Manaus. Essa ligação com a cultura material das louças brancas da Manaus da Belle Époque nos diz muito sobre este indivíduo, sobre seu cotidiano, e o tipo de convivialidade estabelecida durante esse período (CERTEAU, 1992).

### **MANAUS DA BELLE ÉPOQUE, MANAUS A “PARIS DOS TRÓPICOS”**

Segundo Certeau (1992) os consumidores só existem por meio das diferenças culturais, o novo e o outro criam a economia e o que ele chama de *operações de usuários*, nas quais uma sociedade a priori consome, mas posteriormente esses objetos ditam sua convivialidade e cotidiano por meio de seus significados simbólicos, como é o caso das decorações impostas nas louças brancas, através dos arabescos se tinha um pedaço da sociedade oriental em Manaus, através das pinturas da empresa *Johnson Bros* se criava o sentimento de civilização através do consumo e uso dessas louças. Criava-se uma aproximação com a cultura europeia através da materialidade.

De acordo com Sahlins (2004) em que medida a apropriação cultural que as pessoas fazem de condições externas que elas não criam, ou que de certa maneira não podem escapar, constitui o próprio princípio de sua ação histórica? A questão não estaria na tentativa de desconhecer as forças devastadoras modernas, mas encarar também o devir histórico como processo cultural. O que nos faz entrever que essas xicaras, esses bules e esses pires serviram em muitas instâncias para solidificar uma postura que pudesse

representar status, legitimando seu agente social num ato discricionário de diferenciação sociocultural?

As louças falam sobre relações sociais, culturais, políticas e principalmente econômicas de uma Manaus em plena transformação. As louças estavam presentes nos cafés da Eduardo Ribeiro, nos Armarinhos da Rua Municipal, nos Armazéns, nos comércios que vendiam da mais alta tecnologia, nos navios a vapor que chegavam e partiam, em casa, em todos os momentos. Elas têm capacidade para falar de poder, de ambientação, de como podia se portar e de como não podia se portar.



Foto 2: Avenida Eduardo Ribeiro, 1901-1902. Autor: F. A. Fidanza

Ora, estamos tratando de um período de extremas mudanças físicas na cidade de Manaus. Em que o Estado começa a se espelhar na crescente industrialização das cidades europeias para fazer intervenções no espaço urbano (MESQUITA, 2005). Essa preocupação com o embelezamento, higienização e sanitarização da cidade vai contagiar não só a esfera pública, mas também a esfera privada, em especial o público masculino,

que a partir da instituição do modo de vida europeu em Manaus passa a frequentar mais as salas de jantar e cozinha, pois lá estavam os objetos que seu capital era capaz de adquirir (SYMANSKI, 2002).

É também entre o período de 1890 e 1920 que ocorre a “expressão de euforia e do triunfo da sociedade burguesa no momento em que se notabilizavam as conquistas materiais e tecnológicas” (DAOUI, 2000; 10). Segundo Lima (1995), pode-se entender como modo de vida burguês formas de comportamento desenvolvidas da intensa privatização que se consolidou na Europa no século XIX. Tudo isso ligado aos avanços da industrialização, valorizando o individualismo, o universo familiar e a ritualização da vida cotidiana, a acumulação de capital, real e simbólico, os critérios de "respeitabilidade", a fetichização do consumo e a ascensão social.

É nesta esfera, cuja perspectiva é desenvolver o consumo em que há estreitas conexões entre diferentes regiões, que se desenvolve o surgimento do modo de vida burguês na região Norte, principalmente em Manaus e Belém. Esse modo de vida acompanhará a refundação da cidade, à medida que se dá o boom econômico do látex indo ao encontro das aspirações de uma elite manauara que tem o intuito de transformar a cidade comparando-a com estilo de vida parisiense.

É certo que a economia da borracha insere essa região, antes em isolamento, na economia internacional. A abertura dos portos às nações amigas facilita essa entrada no cenário internacional, mas é só com o advento da navegação a vapor que é realmente possível a chega e partida mais rápida na cidade. Isso de certa forma impõe uma dinamicidade própria do decorrer do século XIX, em que a liberalização das economias fazia funcionar e crescer em suas partículas básicas, operações que se estendiam a partes cada vez mais remotas do planeta. O que por sua vez implicava transformações profundas nessas regiões (HOBSBAWM, 1987).

A economia da Era dos Impérios foi aquela em que Baku (no Azerbaijão) e a baía de Donets (na Ucrânia) foram integradas à geografia industrial, ao passo que a Europa exportava tanto bens como moças a cidades novas como Johannesburgo e Buenos Aires, e aquela em que teatros de ópera foram erguidos sobre os ossos de índios mortos em cidades nascidas do Boom da borracha a 1600 quilômetros rio acima da foz do Amazonas. (HOBSBAWM, 1987; 50)



## MANAUS E OS SÍMBOLOS EUROPEUS DO SÉCULO XIX E XX

Civilização e progresso eram as palavras em pauta no final do século XIX. Então, durante o governo de Eduardo Ribeiro, Manaus foi modernizada para se encaixar nos moldes mais elevados da *Belle Époque*. Novos prédios, novos hábitos, novos costumes e novas normas (DIAS, 1999). O Código Municipal de Manaus de 1893 possui caráter restritivo de algumas posturas e hábitos indesejáveis, ao mesmo tempo estimulando atitudes apropriadas de uma cidade modernizada (DAOU, 2000).

Investiu-se nos aterros dos igarapés, calçamento para que Manaus ficasse com aspecto de centro urbano, construção de prédios públicos, iluminação, tudo para que Manaus fosse aceita como um lugar habitável e moderno (DIAS, 1999)

Novos bairros foram construídos, os estrangeiros que se mudavam para Manaus ou os comerciantes e trabalhadores que estavam “de passagem”, começaram a ocupar a nova Manaus iluminada pela borracha. É notável a mudança abrupta da arquitetura. As casas residenciais eram pomposas e muito diferentes das de local de trabalho. De quem maior era o terreno, mais era respeitado. Havia uma diversidade discrepante de estilos, principalmente arquitetônico, mostrando também uma diversidade étnica de americanos e europeus que passaram a viver aqui.

Ocorre que, antes do período da *Belle Époque*, Manaus não conhecia o termo burguesia ou elite (DAOU, 2000), havia sim as pessoas mais “cultas”, que lidavam com a burocracia e bom funcionamento da cidade, mas não havia a elite dos senhores de pasto como em Belém. Essa elite foi formada por uma memória coletiva no período áureo da borracha, deixando uma maioria populacional em zona periférica, como meros figurantes na história de Manaus. E quanto mais uma Manaus moderna e civilizada (JÚNIOR, 2013) se vendia lá fora, mais pessoas chegavam para tentar a sorte de uma vida melhor.

A população elitizada de Manaus começa a adquirir um gosto particularmente europeu. Costumes como o “chá da tarde” chegam junto com os estrangeiros que aqui abrem seus cafés e restaurantes. Mas como alcançar a maioria marginalizada e que sentia a necessidade de fazer parte da *Belle Époque*, fazer parte da elite? Esse tipo de ascensão que o capitalismo local proporcionava será a mola propulsora do comércio na região. Exemplo

desse alcance é dado por Santos (2015) com relação a uma louça produzida nacionalmente, mas com dono estrangeiro, que também foi encontrada na escavação da Igreja da Matriz:

A Baratinha traz em seu nome o que o Sr. Viégas pretendia montar em termos de café nas ruas da efervescente capital: um estabelecimento que oferecesse produtos de baixo custo. Aproveitando-se de seus dotes culinários, o café rapidamente logra o sucesso sendo transformado em restaurante. Este por sua vez não só oferece preços acessíveis, como também a “diversidade de alimentos”. (SANTOS, 2015, p. 6)

Durante esse período veremos o intenso comércio de produtos esteticamente parecidos com os que a elite manauara usava, mas de matéria-prima diferente e preços mais baixos. As porcelanas cada vez mais caras pelo seu modo de fazer mais demorado e sua maior delicadeza abriram as portas para entrada de produtos mais baratos nos estabelecimentos e casas, como a faiança e a faiança fina. Estabelecimentos como cafés e restaurantes, eram pontos sociais. As pessoas que as frequentavam queriam mostrar que podiam frequentar os melhores lugares, com os melhores produtos, com as melhores louças. Isso causava certa tensão social nessa época pouco discutida quando se fala de *Belle Époque* manauara.

#### Quadro Esquemático

MARCA E TIPO	PERÍODO DE PRODUÇÃO	QUANTIDADE NO LABORATÓRIO
Imperial Ironstone Ware   Porcelana	Séc. XIX e XX - 1813 – 1930	1
Taylor Smith e Taylor Co.   Semi-Porcelana	Séc. XIX e XX - 1900 – 1981	3
W.H. Grendley England   Faiança Fina	Séc. XIX e XX - 1880 – 1930	18
Johnson Bros   Faiança	Séc. XIX à XXI - 1873 – 2002	33
I.R.F.M - São Paulo   Louça de Pó-De-Pedra	Séc. XIX e XX - 1892 – 1980	65
Pozzani   Faiança	Séc. XX e XXI	3
CERAMUS   Faiança	Séc. XX	53



ZAPPI   Faiança	Séc. XIX e XX	15
-----------------	---------------	----

Autora: Rosas, Tammy, 2018.

Ao observar as louças como objetos encravados na expectativa e prospecto consumista, almejamos tributar uma exposição dos tipos variados de representação que as louças deixam entrever nas hipóteses e fatores próprios à sociedade em que se inserem.

Neste contexto de pesquisa, os muitos pratos, pires e xícaras ilustram como a sociedade em questão sofrerá uma transformação. A transformação que trata de um cotidiano através do seu modo de fazer e seu modo de usar (CERTEAU, 1992). Posiciona sobre as práticas, o comércio intenso comprovado na época da borracha, o costume de frequentar os mais elitizados restaurantes e cafés, ou não, mesmo com uma renda baixa ser capaz de sentar à mesa de um restaurante com louças mais baratas, porém fetichizadas através das práticas consumistas. O ato de usar, decorar e se explicar através dos objetos, através das louças brancas, ilustra algo sobre as relações sociais esquecidas em detrimento dos grandes acontecimentos da Manaus da Belle Époque e também depois dela.



Foto 3: Recorte do Jornal “O Bond” de 1906. Autora: Rosas, Tammy 2018. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional em <https://www.bn.gov.br/>

As louças da Manaus da *Belle Époque* lembram que é preciso cada vez mais alargar nossos conhecimentos em detrimento de uma pesquisa interdisciplinar em que se pese e se considere discussões teóricas mais abrangentes sobre nossa relação com a cultura material.

Esta talvez seja uma perspectiva que vai ao encontro da Arqueologia Histórica que se empenha em explanar dentro das Ciências Humanas e Sociais, o papel que as coleções tomam na contribuição para determinadas pesquisas. Trigger (2004) afirma que o homem sempre teve curiosidade quanto ao seu passado. Essa curiosidade teria ajudado a dar início às coleções arqueológicas, que até então eram simplesmente coleções.

É preciso nos dar conta que a arqueologia histórica ainda necessita romper com muitas barreiras construídas por uma versão empobrecida de práticas histórico-culturalistas que apregoavam uma visão puramente descritiva e organizacional para a cultura material histórica. Os olhares apenas recaem sobre o macro dos sítios históricos, fazendo com que a Arqueologia Histórica fique no papel de disciplina de apoio para outras ciências como a História e a Antropologia, quando na verdade as três andam de mãos dadas na busca por uma pesquisa mais abrangente, seja através de documentos escritos, estudos etnográficos, ou pela cultura material arqueológica.

Essa é uma perspectiva que pode vir a somar e contribuir no que diz respeito às discussões teóricas na Arqueologia e História, ainda remanescentes e ligadas às culturas de consumo.

Considerando que a Arqueologia Histórica vem nos atentando para a responsabilidade em se fazer uma pesquisa que abarque ou que procure um diálogo e contextos que possam dar conta de uma análise de diferentes conjunturas (ORSER JR., 1992; KERN, 1985; FUNARI, 2004; COSTA, 2013), se faz premente avaliar o caráter multifacetário do passado, sendo necessário nos preocuparmos também com a leitura do que é materializado através dos pequenos objetos (DEETZ, 1996).

Essa elite, ainda em formação, segundo Symanski (2002), pode ser melhor abordada através da Arqueologia Histórica, que encontra-se numa posição privilegiada para investigar as formas como esse modo de vida instala-se e dissemina-se no Brasil do século XIX. Esse papel determinante da cultura material nessa estruturação e reprodução de vidas, no que tangencia suas relações sociais, já tem sido demonstrado por Lima (et alii, 1989; 1994; 1996a; 1996b; 1997; 1999) há algum tempo em suas pesquisas.

Deste modo, é extraordinário perceber que apesar do sistema capitalista introduzir um modelo sistemático e global no que tangencia as práticas do consumo, esses contextos, principalmente no que confere as suas relações sociais, também irão reproduzir características próprias e simbólicas.

## REFERÊNCIAS

- BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL**, Diário Ilustrado. Disponível em: <<http://purl.pt/14328>>. Acesso em 01 de Outubro de 2016.
- CERTEAU, Michel**. A invenção do Cotidiano. Editora Vozes, 3ª edição. Petrópolis, 1998;
- DAOU, Ana Maria**. A Belle Époque amazônica. Coleção Descobrimdo o Brasil, Jorge Zahar Editor, 2000;
- DIAS, Edinea Mascarenhas**. A Ilusão do Fausto, Editora Valer, 2007;
- ELIAS, Norbert**. O processo civilizador vol.1: Uma história dos costumes. Jorge Zahar Editor, 1994;
- HOBBSBAWN, Eric J**. Era dos Impérios. Editora Paz e Terra, 6ª edição 1987;
- LIMA, Tânia Andrade**. Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas. Comunicação apresentada ao I Seminário de Arqueologia Histórica. SPHAN/FNPM, outubro de 1985, Rio de Janeiro. 13p;
- \_\_\_\_\_ Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011;
- \_\_\_\_\_ Os marcos históricos da Arqueologia Histórica, suas possibilidades e limites. Estudos Ibero-Americanos, 2002;
- \_\_\_\_\_ Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. Anais do Museu Paulista, São Paulo, N. Ser v.3 p.129-191 jan./dez.1995;
- MANAUS**. Lei nº 639, de 13 de setembro de 1910. *Promulga o Código de Posturas do Município de Manaus*. Manaus, AM, 1910, p.163-222;
- SAHLINS, Marshall**. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004;
- SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa**. Lugares de Nossas Memórias: A Baratinha. ANPUH Nacional, 2015;
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira**. Louças e a auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas no Brasil. Arqueologia na Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas, 2002;
- TRIGGER, Bruce G**. História do pensamento Arqueológico, 2004;
- ZARUCCHI, Jeanne Morgan**. Visions of America: Johnson Brothers pottery in the US Market: 1872 – 2002. The Journal of Popular Culture, 2004.